



**DIVERSIDADE /** Eleita com mais de 256 mil votos, deputada é a primeira mulher trans de São Paulo na Câmara. Entre os projetos, o combate ao racismo, aos crimes contra a comunidade LGBTQIAP+ e a abertura de CPI para investigar Bolsonaro

# Erika Hilton e a luta por representatividade

» MARCOS BRAZ\*

Negra, transsexual e da periferia. Esta é Erika Hilton, primeira mulher trans eleita pelo estado de São Paulo para a Câmara dos Deputados. Aos 29 anos, a parlamentar do PSol conquistou 256.903 votos e, a partir de 1º de fevereiro de 2023, promete esquentar os debates sobre diversidade, inclusão e de luta contra o racismo e a homofobia no Congresso Nacional.

Natural de Franco da Rocha, município localizado na região metropolitana de São Paulo, Erika divide sua infância e juventude em dois momentos. As primeiras recordações são de um lar cercado por mulheres, as quais define como amorosas e trabalhadoras. A elas, atrela os valores que a transformaram na cidadã hoje conhecida por todos.

Mas os primeiros anos felizes deram espaço à intolerância. Por volta dos 14 anos, ao se descobrir transsexual, foi explulsa de casa. A mãe e a avó, que passam a adotar o que define como um “discurso fundamentalista”, a mandaram para Itu (SP), para ser criada por tios, ainda mais religiosos e conservadores. A família acreditava na “cura” da jovem por meio da fé.

Erika chegou a ser batizada, mas preferiu viver nas ruas a ter que abrir mão da própria essência. Sem oportunidades e sem apoio da família, teve que se prostituir, ainda na adolescência.

Anos depois, foi resgatada pela própria mãe que, arrependida da atitude, a procurou e incentivou para que retomasse os estudos. Apoiada pela família, Erika concluiu o ensino médio e ingressou no curso de pedagogia na Universidade Federal de São Carlos (UFUCar).

Na faculdade, conheceu o movimento estudantil e se tornou uma militante. Ao ter o nome social negado na carteira de transporte, organizou uma mobilização contra a empresa rodoviária. A ação chamou atenção da mídia e, além de conseguir a identidade reconhecida no documento, rendeu um convite do PSol para fazer parte da Bancada Ativista, onde foi eleita pela primeira vez como vereadora, a mais bem votada da história de São Paulo, em 2020. Em dois anos no legislativo

municipal, teve 16 projetos aprovados e atuou fortemente na luta por equidade para a população negra, no combate à discriminação contra a comunidade LGBTQIAP+ e pela valorização das iniciativas culturais jovens e periféricas.

Opositora ao governo de Jair Bolsonaro (PL), protocolou notícia-crime junto ao Supremo Tribunal Federal (STF) contra o presidente derrotado, após declarações de que esteve em uma casa de prostituição na presença de menores de idade venezuelanas. A deputada eleita também recorreu ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) com o pedido para que Bolsonaro não utilizasse imagens de viagem presidencial à Londres, no Reino Unido, na campanha eleitoral sob alegação de abuso de poder econômico ao utilizar viagem oficial para “evidente palanque político”.

Como deputada eleita, Erika projeta suas ações na Câmara dos Deputados e pretende instaurar uma “CPI do governo Bolsonaro”.

Após eleita, ela se tornou um dos rostos da campanha do presidente eleito Lula (PT). Partiu dela um dos pedidos na justiça para que o prefeito da capital paulista, Ricardo Nunes (MDB), liberasse o transporte público gratuito no dia da votação do segundo turno.

## Popularidade

Com mais de 500 mil seguidores apenas no Instagram, a parlamentar faz sucesso nas redes e tem entre os seguidores personalidades como a empresária Bianca Andrade, a atriz Pathy de Jesus, o cantor Silva e a apresentadora Sabrina Sato.

Capa de uma edição digital da revista *Vogue*, explica que sua imagem é cuidadosamente pensada para o eleitorado. “Eu acho que a minha estética visual, a forma como me visto, como falo, cabelos, atira o mundo da moda, para que o mundo da moda me queira dentro desse universo e a partir da minha presença dentro desse universo eu fale de política, eu fale sobre projeto, eu fale sobre futuro, sobre sociedade”, explica a deputada.

\*Estagiário sob a supervisão de Michel Medeiros

Reprodução/Instagram



Aos 29 anos, após superar grandes desafios, parlamentar conquista protagonismo na política nacional

## QUATRO PERGUNTAS / Erika Hilton

### Em que contexto você cresceu?

Cresci em Franco da Rocha, região metropolitana de São Paulo, uma cidade transitória, periférica, criada pelas minhas avós, minhas avós tias e pela minha mãe. Era muito matriarcal, cercada de mulheres fortes, trabalhadeiras. Foi uma infância muito bonita. Depois eu sou mandada para Itu. Aí já é uma segunda fase da minha história, quando o discurso fundamentalista passa a fazer parte da minha família. É onde eu começo a ter problemas e sou deportada para a casa de tios extremamente fundamentalistas e conservadores, na tentativa de cura. Eu vou para as ruas com 14 anos de idade. Lá, assim como a grande maioria das mulheres trans e travestis

no Brasil, passo a viver da prostituição. Só depois volto a me relacionar com a minha mãe e com a minha família.

### Quando começa a militância?

A militância começa quando eu preciso voltar para a escola, solicito o uso do nome social e a empresa de ônibus me nega esse direito. Então, faço um abaixo-assinado para pressionar a empresa. Isso gera uma repercussão midiática, porque eu ganho a disputa e Itu é uma cidade extremamente pequena e conservadora. Então, a partir desse momento, é que nasce o meu ativismo, a minha militância, quando eu começo a entender os processos de transfobia, de racismo e de tantas violências

contra o meu corpo. A partir daí, eu não saio mais das brigas.

### Como espera ser recebida na câmara?

Espero me surpreender positivamente. A respeitabilidade a gente vai construindo e adquirindo com nossa dinâmica, com as relações que vão sendo construídas no dia a dia do trabalho. Foi dessa forma que eu consegui me colocar e ser uma vereadora respeitada na cidade de São Paulo. Mostrar que não tolero desrespeito e que é preciso focar no debate das ideias, no debate da política. Acho que em Brasília a dificuldade é maior pelo número de parlamentares. Nós temos grupos de extrema direita,

da política mais conservadora, muito mais organizados e comprometidos com essa pauta. Então, eu acredito que irei conseguir construir essa respeitabilidade nem que eu tenha que colocá-la goela abaixo.

### O que seria o projeto de “CPI do Governo Bolsonaro”?

É uma CPI de análise do retrocesso, de investigação. É preciso parar o parlamento para a constituição desse diagnóstico. Quanto nós retrocedemos? Onde estão os piores índices? Por onde é preciso começar? Quais ações precisam ser denunciadas, levadas adiante? O governo Bolsonaro não pode passar ileso a elas. Essa é a essência dessa CPI.

## JULGAMENTO

# Flordelis: abusos motivaram assassinato

» RAPHAEL FELICE

Ré no caso da morte do marido Anderson do Carmo, a ex-deputada federal Flordelis dos Santos de Souza declarou, em interrogatório realizado ontem no Tribunal do Júri de Niterói (RJ), que os “abusos” cometidos pelo pastor dentro de casa motivaram o assassinato. Foi a primeira vez que ela falou, desde o início do julgamento, na segunda-feira (7).

“Eu só queria dizer pros jurados que, em momento algum, eu mandei ou pensei em matar o meu marido. Eu estou na cadeia hoje pagando por algo que eu não fiz. Eu amava o meu marido. Está sendo muito difícil para mim”, afirmou a ex-parlamentar. Flordelis seguiu a estratégia montada pelos advogados de atribuir a Anderson do Carmo um comportamento abusivo,

tanto com ela quanto com as filhas e as netas, e alegou não ter denunciado os supostos ocorridos por vergonha. Ao longo do interrogatório, a ex-parlamentar chorou por diversas vezes e chegou a ser questionada por um dos jurados se o choro “era real”. A ré confirmou que sim.

Flordelis também contou que foi agredida por Anderson do Carmo em um período do relacionamento. Segundo a política, o pastor parou com as agressões com o passar do tempo, mas manteve o comportamento abusivo durante relações sexuais com ela.

“Ele (Anderson) me batia. Depois, ele parou com essa prática de me bater e se tornou uma coisa, assim, muito dóida, sofrida. Ele voltou a ficar agressivo na área sexual. Meu marido só sentia prazer se me machucasse. Ele só chegava às vias de fato (orgasmo)

se me machucasse”, disse.

Ela também recordou das condenações de dois filhos no caso. Flávio dos Santos Rodrigues e Lucas César dos Santos de Souza foram julgados culpados pelo assassinato. No entanto, Flordelis também negou ter conhecimento da participação da dupla, pois não estava presente na cena do crime. “Eu não posso acusar ninguém, eu não estava presente no local, eu não vi. Eu não posso afirmar. Meu filho Flávio foi sentenciado e meu filho Lucas foi sentenciado.”

Além de Flordelis, foram ouvidas sete testemunhas de defesa. Todas confirmaram que o pastor praticou assédio e abuso sexual contra filhas e netas do casal. Entre os depoimentos, duas netas de Flordelis — Rafaela dos Santos Oliveira e Lorrayne dos Santos Oliveira — relataram

abusos que teriam sido cometidos por Anderson.

Segundo Rafaela, durante um período de férias em “2018 ou 2019”, ela e outros familiares dividiram o quarto, quando o pastor teria passado as mãos pelo seu corpo. Como estava de noite, ela relatou que as outras pessoas deviam estar dormindo.

“Senti uma mão subindo pela coxa e não conseguia reagir. Quando abri o olho vi o Niel (apelido do pastor Anderson) de blusa regata branca, sentado. Ele subiu a mão pelas minhas coxas e introduziu o dedo, eu fechei a perna e virei para a parede”, relatou a vítima.

### Processo

Além de Lucas e Flávio, condenados pelo assassinato, também foram responsabilizados

Brunno Dantas/TJRJ



Ex-deputada segue estratégia da defesa e acusa marido, morto em 2019

pela justiça: Carlos Ubiraci Francisco da Silva, Marcos Siqueira Costa (ex-policia militar), Andrea Santos Maia (mulher de Marcos Siqueira) e Adriano dos

Santos Rodrigues (filho biológico de Flordelis). Todos foram sentenciados por uso de documento falso e por associação criminosa armada.